



Violência é maior nas áreas mais pobres da capital, onde investimentos do poder público são escassos

FACE SOMBRIA. Disparidade entre a "capital turística" e a periferia da cidade chama a atenção

MACEIÓ ENFRENTA APARTHEID SOCIAL

Jovens de 14 a 25 anos, negros ou pardos, com baixa escolaridade e pobres são a maioria esmagadora das vítimas de assassinato

WAGNER MELO
REPÓRTER

No estudo que faz hoje pela Ufal, junto a mais um professor Emerson do Nascimento e dois bolsistas de pesquisa, o professor diz que está organizando um mapeamento da distribuição espacial dos homicídios de 2008 a 2012 na capital e região metropolitana do estado. Ele conta que, a cada dia, a equipe vem percebendo o abismo que há entre os índices registrados na "Maceió turística", a face paradisíaca da cidade, e os bairros periféricos da capital, que fazem parte de uma cidade escondida e apartada, "uma Maceió que 'incomoda' pouco porque qua-

se nunca se vê". "Maceió é uma cidade dividida e caracterizada por um verdadeiro apartheid social. A capital criou uma bolha de desigualdade social que hoje mostra seu lado mais sombrio. A história urbana de Maceió fala por si. A dinâmica de urbanização desordenada pela qual passou a capital e que se intensificou a partir dos anos de 1980, com o deslocamento de várias comunidades de pescadores pobres, pouco escolarizados, para a constituição de bairros distantes, na periferia da cidade, é só o começo da história", relata.

Ele junta a isso o bom demográfico pelo qual passa a capital nos últimos 30 anos e a estagna-

ção econômica de Alagoas, que gera problemas como desemprego e pauperização, bem como o estrago que a disseminação das drogas psicoativas e do tráfico foi capaz de produzir no estado.

O professor Emerson do Nascimento realça que Alagoas não é diferente do resto do país no que diz respeito ao percentual de outros tipos de mortes violentas como suicídios e acidentes de trânsito. Mas, quando o assunto é a taxa de homicídios, os números mostram que vivemos uma "epidemia localizada" e o Estado destoa tanto da região Nordeste quanto dos demais estados do Brasil. Conforme os dados parciais da pesquisa da Ufal, a maior parte das vítimas é do sexo masculino. "Existe uma disparidade gigantesca entre o número de jovens do sexo masculino e feminino vítimas de homicídios", diz.



Alerta

Quando o assunto é a taxa de homicídios, Estado destoa da região Nordeste e dos demais estados do Brasil



EMERSON DO NASCIMENTO
CIENTISTA
POLÍTICO

"A capital criou uma bolha de desigualdade social que hoje mostra seu lado mais sombrio. A história urbana de Maceió fala por si"

Descaso do poder público agrava situação

O professor ressalta que, segundo dados da Secretaria de Estado da Defesa Social (Seds), no ano de 2012, do total geral de 1.755 homicídios na capital, os dados empíricos dos homicídios confirmam a tendência de um perfil – em sua quase absoluta maioria são jovens que se situam na faixa etária dos 14 aos 25 anos, negros ou pardos, que apresentam baixa escolaridade e encontram-se nas camadas sociais menos favorecidas.

"É importante destacar que o perfil do algoz também é similar. Quanto à temporalidade destes homicídios, estes acontecem, sobretudo, nos fins de semana, com uma evolução significativa a partir da sexta-feira, mas com maior prevalência nos dias de sábado e domingo, entre as 19 e as 22 horas. Quanto à instrumentalidade, a arma de fogo foi o principal recurso utilizado, em 82,2% dos casos", adianta.

"O entendimento de que estes homicídios constituem tão somente um conjunto de individualidades é uma dedução imperfeita", diz o professor: "A violência homicida em Alagoas revela um padrão e, nesse sentido, seja a vítima, seja o algoz, o perfil é muito semelhante: jovens negros ou pardos, pobres,

mortos com maior probabilidade em algumas áreas do que em outras, o que revela que, além de tudo, o fenômeno tem um cenário: as áreas periféricas, as favelas e as grotas da cidade. O que estas áreas têm em comum? Entre outras coisas, a suburbanização, o descaso e o abandono do poder público. É a Maceió profunda que ninguém quer ver, mas que, em média, é aonde vem se matando pelo menos três pessoas por dia".

Segundo o professor Emerson do Nascimento, o mapeamento da violência homicida é algo recente no estado, mas de fundamental importância. Recentemente, a Defesa Social começou a fazer um banco de dados georreferenciado de todas essas ocorrências,



Jovens pobres e negros são as maiores vítimas da criminalidade

o que é importante, tanto para os gestores públicos quanto para os pesquisadores da área.

"O mapeamento, a princípio, é um dos objetos de estudo que vai ajudar em

muito o trabalho científico dos que tentam desvendar os motivos que levam Alagoas a ocupar o topo no ranking da violência letal", declara o professor Emerson. WM O